



SEARA, Izabel Christine de; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO Cristiane. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

Terezinha Della Justina
terezinhadj22@yahoo.com.br

A obra compõe conjunto com outras obras de caráter introdutório à fonética e à fonologia da língua portuguesa no/do Brasil (PB). É escrita por três professoras com experiência na área. Os conteúdos nela apresentados, em bastantes partes, assemelham-se aos de outras obras presentes no mercado brasileiro há um tempo longo o que não poderia ser diferente já que se caracteriza como uma obra de caráter introdutório. Todavia, não é simplesmente mais uma obra introdutória que repete os conteúdos já expostos em outras obras, uma vez que exibem muitos (sub)temas com uma certa extensão e aprofundamento. Porém, o maior diferencial da obra se dá pela apresentação de um capítulo dedicado à fonética e à fonologia aplicadas às práticas das salas de aulas.

A obra divide-se em quatro capítulos, assim denominados: 1. Introduzindo a fonética e a fonologia; 2. Fonética; 3. Fonologia; 4. A fonética, a fonologia e o ensino. Alguns desses são amplamente subdivididos, o que expõe com esmero e clareza o assunto, mas também incide em características desta resenha em alguns momentos: somente referência aos ou descrição dos muitos subitens que contêm as partes dos capítulos, principalmente do 2 e do 3.

É prática consoante todos os capítulos serem introduzidos pelos objetivos deles, antecedendo/induzindo, assim, aquilo que pretendem atingir com o que está disposto neles. Há ainda a presença constante de outros facilitadores da compreensão: *figuras/imagens* que ilustram o aparelho fonador; *boxes* que reforçam as explicações/definições; *quadros* que apresentam exemplos de letras e de palavras suas transcrições fonética e fonologicamente. Presencia-se também bastantes *exemplos* de transcrições de fonemas e fones específicos nas/das palavras ou de palavras inteiras



inseridos em parágrafos dos textos, destarte não há como não se apreender aquilo de que falam. Finalizam os quatro capítulos com propostas de *atividades* o que solidifica também a compreensão daquilo que objetivam que se conheça dos/com os tópicos.

No primeiro capítulo “Introduzindo a fonética e a fonologia”, as autoras discorrem sobre aquilo que caracteriza as duas áreas, as suas relações: em que se afinam/convergem e em que desafinam/divergem já que são áreas consideradas distintas, mas que se auxiliam, pois possuem uma certa interdependência. Relevam que existem estudos que tentam fazer separação entre as duas áreas, mas isso não tem convencido aqueles que as têm estudado, pois, para se entender fonética, há que se entender fonologia e vice-versa. Dizem ainda que não se pode fazer separações simplistas de suas funções ou modo de ações. Assim, percorrem o capítulo expondo o que e por que certos componentes são mais do âmbito de uma ou de outra disciplina. Apontam que a organização separada dos dois ramos apresentada na obra se dá por questões de cunho didático, por clareza dos aspectos envolvidos na construção de significados sob esses dois olhares.

Da Fonética dizem que esta se preocupa em descrever e identificar os sons da fala – a produção de fato e, da Fonologia, aquilo que é distintivo, que tem função na língua. “... a Fonologia neutraliza as variações intrínsecas à produção dos sons pelos falantes para explicar como ocorre o processo de comunicação e os fenômenos sistemáticos das línguas naturais” (p. 21).

No mesmo capítulo, esclarecem a composição/constituição do IPA (International Phonetic Alphabet) ou AFI (Alfabeto Fonético Internacional), criado pela Associação Fonética Internacional para que houvesse uma padronização na transcrição de dados de diferentes idiomas, e sua divisão se dá em três categorias: letras (que indicam os sons básicos), diacríticos (que especificam esses sons quando as letras não dão conta dos detalhes de produção) e os suprasegmentos (que indicam as características prosódicas, como velocidade da fala, tom, acento tônico, etc.). Há ainda



outras explicações bem como a apresentação da tabela de símbolos que o compõem o IPA o que promove o entendimento.

Discorrem também sobre o SAMPA (Speech Assessment Methods Phonetic Alphabet), que é um sistema de escrita fonética legível por computadores que tem como base o IPA. Apontam que o SAMPA procura adotar o máximo de caracteres do IPA, mas, quando não é possível, outros símbolos são utilizados e apresentam alguns desses símbolos, por exemplo, “o símbolo [@] que corresponde ao ‘e’ do português europeu na palavra em ‘doce’ [” dos@] que é a vogal neutra [ə] do IPA” (p.27). Citam endereços *on-line* que podem ser acessados para ver a representação gráfica dos fones bem como ouvi-los.

Na conclusão do capítulo, destacam a importância e necessidade das duas áreas (fonética e fonologia) para alguns diferentes campos de trabalho e referem algumas outras leituras complementares. A exposição detalhada, exemplificada presente no capítulo torna o conteúdo posto de fácil acessibilidade ao público a que se destina: alunos de graduação e interessados na área.

O segundo capítulo “Fonética” expõe o conteúdo de maneira mais assemelhado ao que contêm outras obras também de caráter introdutório à fonética o que não poderia ser diferente por aquilo que precisam apresentar aos que nela se iniciam: quais são os mecanismos de geração dos sons na produção da fala, as funções do aparelho fonador nesse processo; e apresentação da fonética articulatória (do aparelho fonador, aquilo tradicionalmente distingue/divide vogais e consoantes). Destacam as autoras, remetendo à divisão tradicional, que, em termos da liberação do fluxo da corrente de ar vinda dos pulmões, para as vogais, há passagem livre e para as consoantes há obstrução parcial ou total no trato oral). As explicações estão assessoradas em imagens (fotos e desenhos), orientando a compreensão da função/funcionamento dos articuladores (passivo x ativo) envolvidos na produção da fala. Também os exemplos práticos ali contidos simulam o processo de fonação, a produção dos sons: surdos/desvozeados x



sonoros/vozeados, assim são facilitadores da compreensão, conforme já considerado neste texto.

Na apresentação da produção das vogais, também há imagens que demonstram/simulam os movimentos executados pela posição da língua quanto à altura, avanço, recuo e a posição dos lábios. Tratam ainda no capítulo dos encontros vocálicos (ditongos, tritongos e hiatos), aquilo que caracteriza as vogais orais e as nasais: as primeiras enunciadas com a passagem da corrente de ar pela via oral somente e as segundas, tanto pelo trato oral como pelo nasal. Já, em um outro subtópico, acrescentam explicações do que vem a ser propriedades articulatórias secundárias dos segmentos vocálicos (duração, desvozeamento, nasalização, tensão) e das consoantes (labialização, palatização, velarização, dentalização) e quais diacríticos são empregados para as representar. Tudo ali pode ser visualizado por intermédio de quadros em que expõem os símbolos fonéticos das vogais do PB.

Das vogais cardeais, para as quais não se encontrou referência em outras obras introdutórias à fonética e à fonologia do PB, dizem as autoras que se caracterizam, a partir de estudos experimentais, como “um método de descrição vocálica que tinha por objetivo auxiliar na comparação entre as vogais de diferentes línguas” (p.55). Para isso, seu mentor, Daniel Jones (1956), estabeleceu pontos ideais de articulação vocálica, que serviriam como referência para as diferentes línguas, mas elas não pertencem a nenhuma língua em específico. E, mesmo que sejam compreendidas por não pertencerem a nenhuma língua específica, ali são postas e destacadas aquelas que pertencem a outras língua, mas não ao PB.

No tratamento das consoantes, discorrem sobre o modo e ponto de articulação e vozeamento. O primeiro se relaciona ao tipo de obstrução produzido no trato vocal, aos tipos de constrições que ocorrem na produção das consoantes: oclusivos, fricativos, nasal, africada, tepe, vibrante, aproximante, lateral); o segundo se refere aos articuladores envolvidos na constrição das consoantes, a função ativa ou passiva dos articuladores no processo. Essas consoantes no PB são classificadas em bilabial,



alveolar, alveopalatal, palatal, velar, glotal. Já, quanto ao vozeamento, são divididas em sonoras/vozeadas ou surdas/desvozeadas, as primeiras caracterizam pela vibração das pregas das cordas vocais e as segundas sem a vibração das pregas das cordas vocais. Ainda demonstram o que vem a ser uma transcrição restrita e uma transcrição ampla conforme os objetivos da pesquisa.

O capítulo 3, denominado de “Fonologia”, é bem extenso. Está dividido em: 1. Sobre Fonologia, 2. Conceito fundamentais, 3. O sistema consonantal do português brasileiro, 4. O sistema vocálico do português, 5. Transcrição fonológica, 6. Estrutura silábica do português brasileiro, 7. O acento do português brasileiro e 8. Traços distintivos. Esses ainda estão subdivididos, alguns de modo bem extenso. Assim, nele também estão contemplados muitos temas presentes em outras obras de caráter introdutório ao PB. Abrem a unidade de maneira interessante instigando o leitor a ir formulando respostas/concepções às indagações: “como será que em meio a tantas variedades de sons que nosso aparelho vocal produz conseguimos nos entender?” A resposta dada à questão solidifica o entendimento: “pelo contrato (acordo) estabelecido entre os falantes de uma mesma comunidade linguística que controla a variação de nossa língua e a fonologia faz parte desse acordo”.

Com outra pergunta incitam reflexões sobre certas questões intrigantes que despertam fascínio envolvendo os usos da língua: “como é que conciliamos a necessidade de unidades separadas (discretas, segmentadas) para a descrição fonológica quando percebemos que a fala é um contínuo com sons que se juntam, se hibridizam?” A partir da questão, vão explicando aquilo que justifica o surgimento da disciplina fonologia: para dar conta da função linguística dos sons da fala. Frisam o que compete à fonologia em específico, aos ramos dela, e que as novas teorias ou reformulações teóricas têm surgido no decorrer dos tempos, mas relevam que todas teorias foram construídas para atender a língua de uma forma particular o que incide que cada uma delas esclarece alguns aspectos mas não outros. Dentre os modelos teóricos existentes, as autoras optaram por discorrer sobre a visão estruturalista e a gerativista, e sobre elas fornecem um panorama geral daquilo que as caracteriza.



Destacam que na visão estruturalista há a prevalência do componente sonoro sobre os demais. Relevam a contribuição de Saussure por intermédio do Curso de Linguística Geral, publicado em 1916, de sua dicotomia língua x fala e a de um grupo de cientistas europeus, integrantes do Círculo Linguístico de Praga ou Escola de Praga para a concepção de que a fonologia deveria ser apartada da fonética, dentre eles S. Trubetzkoy e R. Jakobson. Também destacam a participação de outros autores como Gunnar Fant, Moris Halle e Roman Jakobson, na obra *Preliminaires to Speech Analysis* (1952), pelo início do tratamento das suposições fonológicas a partir de traços que opõem os segmentos e que são descritos com base em propriedades acústico-perceptuais. Do conjunto de precursores das teorias do som também registram os idealizadores/responsáveis pelo aparecimento paralelo do termo fonêmica nos Estados Unidos Edward Sapir e Leonard Bloomfield. Dizem que as designações a que podem se referir os termos fonologia e fonêmica em dias mais recentes para alguns estudiosos: ao primeiro cabe quando se trata da descrição “sônico-gramatical de uma determinada língua”; e ao segundo, “quando se trata de uma teoria geral fonêmica ou para o levantamento dos fonemas de uma língua”(p.96).

Ao abordarem a fonologia gerativa, primeiramente apontam aquilo que a diferencia da estruturalista: para esta o componente sonoro da língua possui primazia sobre os demais, já para e aquela o foco está no componente sintático. Evidenciam a importância de Noam Chomsky para a fonologia gerativa; a contribuição dela principalmente referente à questão dos traços distintivos. É por intermédio dela que os fonemas ganham outro estatuto não mais sendo considerados unidades mínimas, mas sim a combinação de unidades menores que eles: os traços distintivos. Fecham o tópico indicando as ações de cada modelo teórico (estruturalismo x gerativismo) e as possíveis limitações, principalmente as do método do estruturalista.

Na sequência com o tópico *Conceitos Fundamentais* definem fonema, alofone, distribuição complementar e variação livre, sons foneticamente semelhantes, pares mínimos, pares análogos, arquifonemas. Com o tema “transcrição fonológica” justificam as escolhas nas representações fonéticas e fonológicas de palavras que



possuem variações alofônicas e apresentam um quadro bem extenso em que as representações fonéticas e fonológicas se dão em consonância, mas ali referem restrição ao português de Florianópolis SC.

Em “estrutura das sílabas do português brasileiro”, apresentam a conceituação de sílaba, relevando que, apesar de parecer fácil, é complexa, pois sua definição depende da teoria em que se assessoram. A definição exposta é de base gerativista que a entende como uma unidade que possui uma estrutura interna e pode ser dividida em *onset*, núcleo e coda. Ali também indicam as condições de divisão das sílabas, das sequências sonoras dentro das sílabas com base na escala soântica/soância em que numa ponta estão os elementos mais soantes da língua e, noutra, os menos soantes. Abordam os tipos silábicos do PB, as semivogais na estrutura silábica e tratam do acento das proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas, salientando que no PB há incidência maior das paroxítonas, seguidas das oxítonas.

Dos traços distintivos, consoante à fonologia gerativa, apresentam, indo além daquilo que se vê em algumas outras obras de característica assemelhada, as subdivisões: traços de classes principais, de cavidade, de modo de articulação e de fonte e sobre as aberturas secundárias: nasal, lateral, contínuo, soltura retardada, tenso, sonoro, estridente. Nessa parte apontam as matrizes de traços, características dos sons vocálicos e consonantais com indicativos dos sinais + e – da teoria gerativista, dos traços distintivos de Chomsky e Halle (1968). Tratam ainda no capítulo sobre o processo de assimilação, reestruturação silábica, enfraquecimento e reforço, neutralização, palatalização, dentre outros.

O capítulo 4 “A fonética, a fonologia e o ensino” destina-se, principalmente, a professores das séries iniciais de escolarização, aos pedagogos. Consoante já dito neste texto, aqui se encontra o diferencial mais destacável da obra: falar da fonética e da fonologia ligadas a práticas de ensino para os anos iniciais de escolarização: crianças e adultos. Outro diferencial da obra também presente no capítulo é falar sobre o preconceito linguístico ligado a fenômenos fonéticos principalmente.



As autoras iniciam afirmando que aquilo que se vê nas academias sobre fonética e fonologia não se amalgama com a realidade do mercado de trabalho, que é necessário começar do zero. Argumentam que as grades escolares de vários cursos de graduação, além de seu valor científico para as pesquisas, precisam ter uma função, fazer sentido na educação, para os educadores principalmente. Reforçam o papel crucial que a fonética e a fonologia possuem no processo de alfabetização/letramento como auxiliadoras no desenvolvimento da leitura e da escrita visto que podem tornar menos árduas certas compreensões sobre a língua. Mas para isso há a necessidade de o professor/pedagogo conhecer bem o conteúdo da área para incorporá-lo minuciosamente às práticas de ensino nas sala de aula, dizem.

Abordam também aquilo que atualmente é tema recorrente em certas discussões pedagógicas: “consciência fonológica”. Enunciam os benefícios comprovados que a alfabetização pode retirar do nível da consciência fonológica, isso por intermédio de alguns jogos linguísticos que trabalham habilidades fonológicas em pré-escolares, que são caminhos para um bom desempenho em leitura e escrita, e também contemplam algumas sugestões de atividades que favorecem/aperfeiçoam o desenvolvimento de tais habilidades.

São expostos em quadros as correspondências entre grafemas, fones e fonemas relativos às vogais e às consoantes o que torna mais visível a percepção das complexidades a que são submetidos os alfabetizando, ou até mesmo aqueles que já possuem algum domínio de leitura. Com isso se infere que, mesmo que possa parecer natural a quem domina o ato de ler e escrever, não o é. Aduzem que, percebendo-se essa complexidade, os professores podem desenvolver estratégias para que se desvende o código. Exibem algumas ali também estratégias que podem ser desenvolvidas nas salas de aula. Além dessas sugestões e de outras que percorrerem as seções do capítulo, há uma mais específica denominada “Estratégias de ensino” em que se encontram um número substancial de propostas de atividades que podem ser desenvolvidas nas salas de aula. Aqui se encontram também mais méritos da obra: sair somente de sugestões do que fazer para o como pode ser feito.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 25 • Jul 2018/

R E S E N H A S

Com o tópico “Conhecimentos fonético-fonológicos na aquisição da linguagem” fazem um percurso pelas fases da vida das crianças apontando aquilo que dizem estudiosos sobre certas percepções e produções que são passíveis de observação conforme as fases, isto é, aquilo que são capazes de reconhecer desde a barriga da mãe àquilo que, ao iniciarem a vida escolar, deve ser o foco de observação de professores e assistentes, já que, assim, também se podem detectar certas patologias que, quanto antes detectadas, melhores de ser tratadas.

No capítulo ainda tratam do *preconceito linguístico* ligado a fenômenos fonéticos e apontam alguns deles que podem ser transpostos da fala para escrita: o caso do apagamento do /R/ final de certas palavras, por exemplo. Relevam que certas ocorrências fonéticas devem ser compreendidas, toleradas, já que todos nós produzimos/somos passíveis de produzir algo que não está de acordo com os preceitos das gramáticas normativas. Concluem a obra ressaltando que o objetivo principal delas era que os estudantes, com base em sua própria língua, tenham podido compreender os fenômenos relativos às propriedades articulatórias dos sons do português brasileiro e seu sistema fonológico, mas reforçam que se complete a leitura para um aprofundamento maior em algumas questões relacionadas ao tema.

Recebido Para Publicação em 10 de junho de 2018.

Aprovado Para Publicação em 30 de junho de 2018.